



Formação
Docente:
Princípios e
Fundamentos 5

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Formação Docente: Princípios e Fundamentos 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F723	Formação docente [recurso eletrônico] : princípios e fundamentos 5 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente: Princípios e Fundamentos; v. 5) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-366-8 DOI 10.22533/at.ed.669193005 1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No seu quinto volume gostaria que soubesse que, mesmo longe de alguns, muito longe de outros, nossa relação durante esses meses será de respeito por Você que está na sala de aula. A educação não tem sentido se não for para humanizar os indivíduos. Como dizia Paulo Freire: Humanizar é gentilar os indivíduos. Estamos na era digital que seguem pelas veias humanas visando eliminar ranços. Todo o avanço científico tecnológico traz benefícios para nossa a formação docente e sociedade, mas, ainda, nos causa medo e nem sempre sabemos lidar com ele. Novas tecnologias, quando disseminadas pela sociedade, levam a novas experiências e a novas formas de relação com o outro, com o conhecimento e com o processo de ensino-aprendizagem. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido". (O Último discurso", do filme O Grande Ditador).

Abri o volume V, No artigo O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA USADA NO NIVELAMENTO DOS INGRESSOS DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA REGULAR, os autores Acelmo de Jesus BRITO, Alan Kardec Messias da SILVA, Ediel Pereira MACEDO buscam apresentar considerações sobre o desenvolvimento de um curso de Matemática Básica como nivelamento em matemática, no interior da disciplina de Geometria Analítica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres-MT. No artigo O CONCEITO DE BLENDED LEARNING: BREVE REVISÃO TEÓRICA, as autoras Luciana Maria Borges e Rosemara Perpetua Lopes buscam localizar na literatura estrangeira estudos sobre esse tema, com enfoque no Ensino Superior. Para tanto, realizamos uma breve revisão teórica, abrangendo o período de 2007 a 2017, por meio de busca nos bancos de dados Redalyc e Scielo. No artigo O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E DOS SENTIMENTOS MORAIS: IMPLICAÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES, os autores Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann, Alonso Bezerra de Carvalho, Jair Izaias Kappann Busca apresentar os estudos de Piaget a respeito do paralelismo existente entre o desenvolvimento cognitivo e o dos sentimentos, aí inclusos os sentimentos morais e a própria moralidade, pensando o ambiente sociomoral das escolas e o desenvolvimento moral, problematizando as implicações deste conhecimento na formação dos professores da atualidade. No artigo O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA: ESTUDO DOCUMENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG/REGIONAL GOIÂNIA os autores Anegleyce Teodoro Rodrigues e Samuel de Souza Neto buscam realizar uma investigação em nível de pós-doutorado e conta com apoio financeiro de bolsa financiada pelo PNPd/CAPES, com o objetivo descrever e analisar o projeto de estágio e a característica da parceria entre universidade e escola e sua relação com o projeto de formação de professores em Educação Física do curso

da UFG, Regional Goiânia. No artigo O HUMOR UTILIZADO COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SEXUAL as autoras Roberta Seixas, Denise Maria Margonari, Luana Aparecida Etelvina de Souza, Isabela Cristina Urbano de Almeida buscam a utilização do humor como metodologia para o ensino da Educação Sexual e para potencializar a aprendizagem dos alunos. No artigo O IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O PEDAGOGO PROFISSIONAL, os autores ANELIZE RAFAELA de SOUZAFABIO RIEMENSCHNEIDER o artigo investiga o imaginário coletivo de estudantes ingressantes no curso de pedagogia sobre a atuação do pedagogo. Objetiva apresentar e refletir sobre o campo de sentido afetivo-emocional denominado Pedagogo Profissional. No artigo O OLHAR DA TUTORIA PELOS TUTORES: FORMAÇÃO E IDENTIDADE, o autor Thiago Pedro de Abreu busca investigar como os professores se tornaram tutores e o que os levou a atuar nesta modalidade de ensino. Pesquisa fundamentada em Belloni (2012) destaca a construção da identidade dos tutores, que está ligada à formação de professores. No artigo O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA, os autores Enio Serra, Ana Angelita Rocha, Roberto Marques buscam compreender o cotidiano escolar a partir da relação entre a produção de subjetividades e o espaço geográfico. No artigo O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM GOIÁS: ITUMBIARA, 2013-2015, o autor Juliano Guerra Rocha busca relatar a experiência sobre a formação de professores alfabetizadores, no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC/MEC), na cidade de Itumbiara/Goiás. No artigo O PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DOS SEUS EGRESSOS, os autores Márcia Mendes Ruiz Cantano, Noeli Prestes Padilha Rivas, buscaram investigar o Programa PAE-USP como espaço institucional de formação de professores para o ensino superior, a partir da perspectiva dos seus egressos, que hoje atuam como docentes em instituições de ensino superior públicas brasileiras. O REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE/MT E AS IMPLICAÇÕES À FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS Soely Aparecida Dias Paes, Kelly Katia Damasceno Erika Silva Alencar Meirelles, buscam analisar os preceitos teóricos adotados no Referencial Curricular da Educação Infantil de Várzea Grande-MT, bem como refletir sobre as implicações à aprendizagem das docentes que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), visto a urgência em (re)significar práticas educativas voltadas à alfabetização e o letramento nesta primeira etapa de escolarização da educação básica. No artigo O SABER-FAZER DOCENTE: UM ESTUDO A PARTIR DAS ABORDAGENS DAS TEORIAS DE ENSINO Lilian de Assis Monteiro Lizardo, Márcia Tostes Costa da Silva, Maria de Fátima Ramos de Andrade busca analisar como professores de Educação Infantil concebem os fundamentos de suas práticas. Para tal, inicialmente, apresentamos as abordagens de ensino e aprendizagem

MIZUKAMI (1986). No artigo O TRABALHO DOCENTE: FATORES QUE LEVAM AO ESTRANHAMENTO DESSE OFÍCIO, os autores Carlos Augusto Santana Sobral, Manoel de Souza Araújo, Rafael Marques Gonçalves, buscam explicar os fatores que levam o estranhamento até à docência, buscaram, luzes no pensamento de Karl Marx e outros estudiosos que seguem a mesma corrente teórica. Assim, enfatizamos a importância do trabalho na perspectiva de Marx para mostrar a crueldade de grupos elitizados em utilizar a educação como escoamento da ideologia dominante. No artigo O USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E METODOLOGIAS ATIVAS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO DE ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA, os autores Elaine CALDEIRA e George L. R. BRITO buscam realizar um relato da experiência de práticas de letramento na produção de artigos de revisão de literatura realizada na disciplina “Introdução aos Estudos Linguísticos”, oferecida aos estudantes do primeiro semestre do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês do Campus Riacho Fundo, Instituto Federal de Brasília-IFB. No artigo ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DESTINADAS AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA PAULISTA (1934-1960), a autora Márcia Cristina de Oliveira Mello busca identificar e compreender quais orientações metodológicas receberam os primeiros professores de Geografia para atuar na escola paulista, entre os anos de 1934 e 1960. No artigo OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR UM PROFESSOR EM COMEÇO DE CARREIRA, os autores Carlos Alberto Tavares Dias Filho e Itale Luciane Cericato buscam discutir os dados preliminares de um estudo que investiga como um professor iniciante sente e significa suas primeiras experiências profissionais. No artigo OS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE FREIRE E STEINER E SUAS RELAÇÕES COM OS MEIOS ELETRÔNICOS DO COTIDIANO DISCENTE Claudia de Jesus Tietsche Reis a autora busca investigar os princípios pedagógicos de Paulo Freire e Rudolf Steiner para dialogar com a realidade discente, influenciada pelos meios eletrônicos – televisão, videogame e computador. No artigo PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM TEMAS RELACIONADOS À CIÊNCIA E TECNOLOGIA Cristiane Imperador Márcia Azevedo Coelho – UNICAMP busca promover uma reflexão acerca da valorização que um grupo de docentes atribui à diversidade epistemológica, no que concerne à participação da população nas decisões sociais sobre questões relacionadas a ciência e tecnologia. No artigo POSSIBILIDADES DE REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DO CENSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSORADO, os autores Marcos Vinicius Marques, Paulo Sergio Gomes, Jobert Chacon Teixeira Gláucia Beatriz Victor Petian, buscam realizar um diagnóstico da formação dos professores e estabelecer ações formativas mais incisivas e eficazes, foi elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de Jaú (SP), e aplicado junto a todos os professores pertencentes à dita rede de ensino, que estão em exercício nas séries iniciais do ensino fundamental, um Censo sobre formação de professores. No artigo PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: RELATOS DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO

FUNDAMENTAL Adriana Torquato Resende Kézia Costa de Oliveira Rocha Carvalho, buscou analisar práticas pedagógicas de professores de 5º ano. No artigo PREDISPOSIÇÃO AO SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM a autora Sendy Meléndez Chávez y Sara Huerta González, busca analisar se estudantes de enfermagem estão predispostos ao esgotamento profissional. No artigo PRIMER MOLAR. LA LLAVE PARA UNA BOCA SANA os autores Perez Novoa, María José, Castelli, Patricia; Abal, Adrian; Erbicela, Beatriz; Capraro, Eugenia; Capraro Carlos; Salvatore, Luis Alberto; Etchegoyen, Liliana; Mogollon, Miguel; Gonzalez, Anabel; De Vicente, Cecilia; Obiols, Cecilia; Gulayin, Guillermo; Spisirri, Sebastian, Buscam promueve la formación de un profesional dentro de la realidad social, con una relación interdisciplinaria y articulando la asistencia, educación y salud; donde los alumnos toman conciencia de factores etiológicos y condicionantes de sus efectos, supervisado por docentes. No artigo PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL a autora Fatima Aparecida de Souza busca apresentar uma experiência de formação continuada realizada com 132 professores da Educação Básica de diferentes áreas do conhecimento, em uma Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo. No artigo PRODUÇÃO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS NAS LICENCIATURAS: A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE DOCÊNCIA, as autoras Luciana de Lima, Robson Carlos Loureiro, Gabriela Teles busca analisar de que forma os licenciandos de Instituição Pública de Ensino Superior (IPES), participantes da disciplina Tecnodocência em 2017.2, transformam sua compreensão sobre docência a partir do desenvolvimento de Materiais Autorais Digitais Educacionais (MADEs).

No artigo PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE POLIVALÊNCIA E O CURSO DE PEDAGOGIA, a autora Vanda Moreira Machado Lima busca refletir sobre o professor dos anos iniciais enfatizando o conceito de polivalência.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA USADA NO NIVELAMENTO DOS INGRESSOS DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA REGULAR	
Acelmo de Jesus Brito Alan Kardec Messias da Silva Ediel Pereira Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.6691930051	
CAPÍTULO 2	9
O CONCEITO DE <i>BLENDED LEARNING</i> : BREVE REVISÃO TEÓRICA	
Luciana Maria Borges Rosemara Perpetua Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.6691930052	
CAPÍTULO 3	18
O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E DOS SENTIMENTOS MORAIS: IMPLICAÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann Alonso Bezerra de Carvalho Jair Izaías Kappann	
DOI 10.22533/at.ed.6691930053	
CAPÍTULO 4	34
O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA: ESTUDO DOCUMENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG/REGIONAL GOIÂNIA	
Anegleyce Teodoro Rodrigues Samuel de Souza Neto	
DOI 10.22533/at.ed.6691930054	
CAPÍTULO 5	46
O HUMOR UTILIZADO COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SEXUAL	
Roberta Seixas Denise Maria Margonari Luana Aparecida Etelvina de Souza Isabela Cristina Urbano de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.6691930055	
CAPÍTULO 6	58
O IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O PEDAGOGO PROFISSIONAL	
Anelize Rafaela De Souza Fabio Riemenschneider	
DOI 10.22533/at.ed.6691930056	

CAPÍTULO 7	64
O OLHAR DA TUTORIA PELOS TUTORES: FORMAÇÃO E IDENTIDADE	
Thiago Pedro de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.6691930057	
CAPÍTULO 8	76
O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA	
Enio Serra	
Ana Angelita Rocha	
Roberto Marques	
DOI 10.22533/at.ed.6691930058	
CAPÍTULO 9	90
O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM GOIÁS: ITUMBIARA, 2013-2015	
Juliano Guerra Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.6691930059	
CAPÍTULO 10	100
O PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DOS SEUS EGRESSOS	
Márcia Mendes Ruiz Cantano	
Noeli Prestes Padilha Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.66919300510	
CAPÍTULO 11	112
O REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE/MT E AS IMPLICAÇÕES À FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS	
Soely Aparecida Dias Paes	
Kelly Katia Damasceno	
Erika Silva Alencar Meirelles	
DOI 10.22533/at.ed.66919300511	
CAPÍTULO 12	123
O SABER-FAZER DOCENTE: UM ESTUDO A PARTIR DAS ABORDAGENS DAS TEORIAS DE ENSINO	
Lilian de Assis Monteiro Lizardo	
Márcia Tostes Costa da Silva	
Maria de Fátima Ramos de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.66919300512	
CAPÍTULO 13	133
O TRABALHO DOCENTE: FATORES QUE LEVAM AO ESTRANHAMENTO DESSE OFÍCIO	
Carlos Augusto Santana Sobral	
Manoel de Souza Araújo	
Rafael Marques Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.66919300513	

CAPÍTULO 14	143
O USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E METODOLOGIAS ATIVAS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO DE ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA	
Elaine Caldeira George L. R. Brito	
DOI 10.22533/at.ed.66919300514	
CAPÍTULO 15	155
ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DESTINADAS AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA PAULISTA (1934-1960)	
Márcia Cristina de Oliveira Mello	
DOI 10.22533/at.ed.66919300515	
CAPÍTULO 16	164
OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR UM PROFESSOR EM COMEÇO DE CARREIRA	
Carlos Alberto Tavares Dias Filho Itale Luciane Cericato	
DOI 10.22533/at.ed.66919300516	
CAPÍTULO 17	176
OS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE FREIRE E STEINER E SUAS RELAÇÕES COM OS MEIOS ELETRÔNICOS DO COTIDIANO DISCENTE	
Claudia de Jesus Tietsche Reis	
DOI 10.22533/at.ed.66919300517	
CAPÍTULO 18	193
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM TEMAS RELACIONADOS À CIÊNCIA E TECNOLOGIA	
Cristiane Imperador Márcia Azevedo Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.66919300518	
CAPÍTULO 19	201
POSSIBILIDADES DE REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DO CENSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSORADO	
Marcos Vinicius Marques Paulo Sergio Gomes Jobber Chacon Teixeira Gláucia Beatriz Victor Petian	
DOI 10.22533/at.ed.66919300519	
CAPÍTULO 20	211
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: RELATOS DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Adriana Torquato Resende Kézia Costa de Oliveira Rocha Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.66919300520	

CAPÍTULO 21	223
PREDISPOSIÇÃO AO SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM	
Sendy Meléndez Chávez Sara Huerta González	
DOI 10.22533/at.ed.66919300521	
CAPÍTULO 22	234
PRIMER MOLAR. LA LLAVE PARA UNA BOCA SANA	
María José Perez Novoa Patricia Castelli Adrian Abal Beatriz Erbicela Eugenia Capraro Carlos Capraro Luis Alberto Salvatore Liliana Etchegoyen Miguel Mogollon Anabel Gonzalez Cecilia De Vicente Cecilia Obiols Guillermo Gulayin Sebastian Spisirri	
DOI 10.22533/at.ed.66919300522	
CAPÍTULO 23	242
PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Fatima Aparecida de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.66919300523	
CAPÍTULO 24	253
PRODUÇÃO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS NAS LICENCIATURAS: A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE DOCÊNCIA	
Luciana de Lima Robson Carlos Loureiro Gabriela Teles	
DOI 10.22533/at.ed.66919300524	
CAPÍTULO 25	266
PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE POLIVALÊNCIA E O CURSO DE PEDAGOGIA	
Vanda Moreira Machado Lima	
DOI 10.22533/at.ed.66919300525	
SOBRE A ORGANIZADORA	279

O HUMOR UTILIZADO COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Roberta Seixas

Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
– SP – Brasil. Mestranda do Programa de Pós-
Graduação em Educação Sexual.
roberta.seixas.@hotmail.com

Denise Maria Margonari

Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
– SP – Brasil. Docente do Programa de Pós-
Graduação em Educação Escolar e Educação
Sexual. Departamento de Didática.
denisemargonari@fclar.unesp.br

Luana Aparecida Etelvina de Souza

Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara -
SP – Brasil. Graduanda em Letras.
luluguina@hotmail.com

Isabela Cristina Urbano de Almeida

Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara -
SP - Brasil. Graduanda em Letras.
bela.almeida_88@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo a utilização do humor como metodologia para o ensino da Educação Sexual e para potencializar a aprendizagem dos alunos. Para tanto, esta investigação foi realizada em uma escola pública de uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo, tendo como

público-alvo alunos de Biologia do 1º ano do Ensino Médio. Por meio do trabalho com o conteúdo prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST), propusemos o uso de um jogo de cartas de humor, conhecido por “Baralho Biológico de Humor: IST”. O jogo foi dividido em sete IST: HIV, gonorreia, HPV, hepatite C, sífilis, herpes genital e candidíase. Para cada infecção foram elaboradas 10 cartas, com perguntas conceituais e suas respectivas respostas, e mais duas cartas, com imagens do aparelho reprodutor humano infectado. A metodologia que utilizava o humor foi aplicada em duas salas, 1º A e D, e o método tradicional foi aplicado ao 1º B e C. Após a elucidação do conceito e o desenvolvimento do processo de discussão, foi proposta uma avaliação para mensurar o nivelamento da aprendizagem às turmas. Essa avaliação foi composta de questões fechadas. Para a análise dos resultados, utilizamos a estatística descritiva dos questionários quantitativos, os exames comparativos e os cálculos de confiabilidade. Como resultado, tivemos o grupo exposto ao método tradicional, com média de acertos de 41,9% e os alunos expostos ao método humorístico com média de acertos de 74,2%. Chegamos à conclusão que o humor, usado como ferramenta didática, é um dispositivo de alta eficácia para o processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Humor. Educação

ABSTRACT: The present study aimed to use humor as a methodology for the teaching of Sexual Education and to enhance students' learning. In order to do so, this research was carried out in a public school in a small city in the interior of the state of São Paulo, targeting Biology students of the 1st year of High School. Through the development of the content Sexually Transmitted Infections (STI), we proposed the use of a humor card game, known as the "Biological Humor Deck: STI". The game was divided into seven STI: HIV, gonorrhea, HPV, hepatitis C, syphilis, genital herpes, and candidiasis. For each infection, 10 cards were drawn, with conceptual questions and their respective answers, plus two cards, with images of the infected human reproductive tract. The methodology that used humor was applied in two rooms, 1 ° A and D, and the traditional method was applied to 1 ° B and C. After the elucidation of the concept and the development of the discussion process, an evaluation was proposed in order to measure the leveling of the learning of the classes. This assessment was composed of closed questions. For the analysis of the results, we used the descriptive statistics of the quantitative questionnaires, the comparative tests and the reliability calculations. As a result, we had the group exposed to the traditional method, with an average of 41.9% and students exposed to the humorous method with a mean of 74.2%. We came to the conclusion that humor, used as a didactic tool, is a highly effective device for the teaching-learning process.

KEYWORDS: Humor. Sexual Education. Teaching-Learning.

1 | INTRODUÇÃO

1.1 Breve Contextualização Acerca Da Educação Sexual No Brasil

A educação sexual, no Brasil, começa a ser discutida na década de 20, mais precisamente em 1928, com a aprovação do Programa de Educação Sexual no Congresso Nacional para Educadores, tendo como público-alvo crianças acima de onze anos nos Projetos de Educação Sexual (AQUINO e MARTELLI, 2012, p. 2). Logo após, segundo Guimarães (1995), esse tema foi permeado pela influência da Igreja Católica, com intuito de responder a questões biológicas e reprodutivas.

Em 1960 surgiram várias tentativas para implantar a Educação Sexual nas escolas públicas e particulares, mas, devido às mudanças políticas geradas pelo golpe militar de 64, esses programas tiveram que ser interrompidos, devido à repressão do moralismo vigente.

De acordo com César (2009), somente a partir dos anos finais da década de 70 e começo dos anos 80, a sociedade brasileira convive com a reabertura política, havendo grandes mudanças políticas e sociais, incluindo, também, o campo da sexualidade e, constituindo, assim, novas maneiras de compreender a Educação Sexual. No entanto, essa abordagem sempre foi apresentada com foco na prevenção de doenças

sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, defendendo uma educação sexual para a higiene dos jovens, preparando sujeitos saudáveis e responsáveis (CÉSAR, 2009).

Finalmente, em meados da década de 90, torna-se viável trabalhar orientação sexual nas escolas, de forma transversal, a partir da sua inserção no currículo por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Apesar de a discussão ter iniciado na década de 20 do século passado e intensificado na década de 80, foi somente a partir dos anos 90 que houve efetivamente a inserção da Orientação Sexual como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 2001). A discussão sobre educação sexual no ambiente escolar se avivou com a elaboração dos PCN em 1996, com destaque em seu volume 10, reservado à Orientação Sexual (BRASIL, 2001). A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões convivência social entre eles. Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura (BRASIL, 1997, p. 292 e 3).

1.2 Educação Sexual No Currículo Geral E Na Disciplina De Biologia

A sexualidade, mesmo na atualidade, apresenta dificuldade e resistência para ser trabalhada, já que é um tema polêmico e carregado de mitos e tabus. Muitos jovens descrevem que não falam com os pais sobre sexualidade por vergonha e o medo que os mesmos possam vir a desconfiar de uma suposta vida sexual precoce (GASPAR, 2006). Esse fato leva a outra pesquisa que descreve que alguns adolescentes preferem falar com professores ou profissionais da saúde sobre dúvidas relacionadas a doenças sexualmente transmissíveis (BARROSO, 2008).

Portanto, a escola tem um papel muito importante para diminuir as consequências da falta de informação sobre a educação sexual, pois as manifestações estão presentes, cabendo ao professor problematizá-las, ou seja, questionar, dialogar, baseado em dados científicos, discutir as questões de sexualidade, contribuindo para o desenvolvimento humano (AQUINO e MARTELLI, 2012).

Outro fator importante que devemos levar em consideração é a forma como esse conteúdo é trabalhado, uma vez que na legislação ele é representado por um tema transversal – “Orientação Sexual”, ou seja, a proposta é que:

[...] a educação para a cidadania requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. (BRASIL, 1998, p. 25).

No entanto, ele aparece de uma forma biologizante na disciplina de Biologia, ministrada no 1º ano do Ensino Médio.

Grande parcela da comunidade docente não está preparada para lidar com esse tema, uma vez que possuem uma formação voltada para serem especialistas na área específica da disciplina em que ministram aulas. Os profissionais graduados em licenciaturas, infelizmente, não estão sendo preparados adequadamente para uma proposta de uma educação voltada para a abordagem dos temas transversais e da transversalidade.

Imersa nessa realidade, a questão da sexualidade acaba sendo trabalhada pelos professores de Ciências e Biologia somente, uma vez que o tema tem braços que invadem com maior facilidade as disciplinas que compõem as Ciências da Natureza, sendo que no Currículo do Estado de São Paulo, a Educação Sexual é apresentada dentro de uma abordagem biológica da sexualidade, com enfoque para o sistema reprodutor, a prevenção da gravidez na adolescência e a prevenção de IST (BRASIL, 1998).

Além da falta de preparação para desenvolver a educação sexual, nos cursos de licenciaturas, temos também uma escassez em materiais didáticos, metodologias e propostas pedagógicas. A maior dificuldade apontada pelos professores e que restringe o trabalho de orientação sexual e sexualidade é a falta de materiais didáticos. De fato, em uma pesquisa realizada com professores de uma escola estadual do Rio de Janeiro, Altmann (2003) constatou ser a falta de materiais adequados uma das principais dificuldades apontada por eles para o desenvolvimento de temas ligados à sexualidade.

Os professores da rede estadual de ensino do estado de São Paulo recebem como material de apoio para roteirizar e orientar as aulas, além do documento básico curricular, o Caderno do Gestor, o Caderno do Professor e o Caderno do Aluno – esses dois últimos são os mais presentes no dia-a-dia escolar de docentes e estudantes. É no Caderno do Aluno de Biologia do primeiro ano do Ensino Médio, volume 2, que foram inseridas as metodologias diferenciadas para o ensino de IST – contágio, tratamento e prevenção - descritas nesse artigo.

O governo do estado também disponibiliza, como material pedagógico de apoio aos professores de Biologia da rede, um material chamado: “Projeto Vale Sonhar” que é um jogo desenvolvido pelo Instituto Kaplan para apoiar os educadores nas aulas de sexualidade, com especial enfoque para a prevenção de gravidez na adolescência e o uso de métodos contraceptivos (KAPLAN, 2015).

Dados do Ministério da Saúde apontam que a contaminação pelo HIV entre jovens aumentou consideravelmente. Na faixa etária dos 20 aos 24 anos, a taxa de detecção subiu de 16,2 casos por 100 mil habitantes, em 2005, para 33,1 casos, em 2015. Já o número total de casos notificados de sífilis adquirida no Brasil foi de 65.878. No mesmo período, a taxa de detecção foi de 42,7 casos por 100 mil habitantes, sendo que a maioria são homens, 136.835 (60,1%). No período de 2010 a junho de 2016, foi

registrado um total de 227.663 casos de sífilis adquirida. (BRASIL, 2014).

Discutir, apresentar, desenvolver um trabalho com as IST gera um grande problema, uma vez que, para se obter êxito no processo de ensino-aprendizagem deve-se elencar, no mínimo, as formas de contágio, os agentes causadores, os sintomas e os tratamentos. Para avançar no processo de interiorização do conhecimento, podemos utilizar ferramentas tecnológicas, como: imagens e vídeos, no entanto, eles causam um certo mal-estar no público-alvo, devido ao conteúdo e a exposição de ilustrações dos aparelhos reprodutores feminino e masculino contaminados. Diante desse problema, desenvolvemos uma ferramenta didática para trabalhar esse tema com maior leveza, utilizando como referência o jogo de cartas do Projeto “Vale Sonhar” e empregando-se como instrumento para o alcance com maior sucesso, o humor.

Segundo Kher et. al. (1999), o humor é uma valiosa ferramenta para o estabelecimento de um clima propício à aprendizagem em sala de aula, facilitando, assim, a discussão de determinadas temáticas antes desinteressantes para os estudantes, ou seja, para se trabalhar um conteúdo repleto de tabus e mitos, nada melhor que o uso do humor para alcançar uma aprendizagem emancipatória.

Além de apresentar conteúdos, o jogo didático desperta o interesse dos estudantes. Sobre o humor como recurso facilitador do ensino, Behar afirma que quando o aluno está em um estado de humor positivo, ele é mais sociável, criativo, cooperativo e mais eficiente e motivado para realizar suas tarefas (BEHAR, et al., 2007).

A escolha do recurso jogos de cartas se deu, portanto, devido à aprendizagem mediada por jogos didáticos ser considerada uma forma de estimular o envolvimento entre teoria e prática junto à dimensão lúdica (VALOIS et al., 2010). A utilização de jogos como uma alternativa didática pode contribuir para a assimilação do conteúdo ministrado, uma vez que, somente com a teoria, o aluno não obtém uma fixação completa dos conteúdos, pois, geralmente, ele é transmitido pelo professor como um monólogo, o que torna a aula pouco atrativa, interferindo sobremaneira no desempenho do estudante (REGO et al., 2010).

Dessa forma, o presente estudo visou analisar, comparativamente, os resultados apresentados por quatro salas de 1^{os} anos do Ensino Médio da rede estadual, para a comprovação da hipótese levantada pelas pesquisadoras: o humor, utilizado em jogos educativos (jogos de cartas – pergunta/resposta), em sala de aula, para trabalhar o tema IST, facilita de forma significativa o processo de ensino e potencializa o aprendizado, tornando-o real, consistente e agradável?

2 | MATERIAL E MÉTODO

Este projeto foi desenvolvido nas quatro salas de 1^o ano do Ensino Médio, 1^oA, B, C e D, de uma escola de Ensino Fundamental II e Médio, de uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo.

Essa escola tem uma proposta inovadora para manter as salas heterogêneas, quanto ao aprendizado e à questão de gênero. Os alunos são divididos de acordo com a primeira letra do seu nome, seguindo o alfabeto. Sento assim, os alunos do 1º ano A são alunos cuja primeira letra do nome começa com A e vai até E; no 1º B, de E a J; 1º C, de J a N e, finalmente, 1º D, de N a Y, tentando, portanto, manter o padrão mais heterogêneo possível. As salas utilizadas para esse estudo possuem, em média, 30 alunos. É relevante destacar que não foi apresentada a diferença do número referente ao gênero dos alunos, uma vez que nossa hipótese inicial neste trabalho é comprovar que o uso do humor favorece o aprendizado da educação sexual, IST – prevenção, tratamento e controle – em alunos de 1º ano do Ensino Médio de uma escola estadual e, assim, não se faz necessária, em um primeiro momento, a divisão segundo o gênero, pois não pressupomos que meninos aprendam mais que meninas, ou vice-versa.

O projeto teve duração de 14 horas aula, sendo 2 aulas para cada IST trabalhada, HIV, gonorreia, HPV, hepatite C, sífilis, herpes genital e candidíase, as de maior incidência na população. Essas aulas foram divididas em duas partes: teórica e discussão.

A parte teórica abrangeu aulas expositivas dialogadas, com o uso de apresentação de *slides* em *Power Point* contendo os conceitos sobre contágio, tratamento, prevenção e imagens de cada IST, de forma que em todas as salas a parte teórica seguiu a metodologia tradicional de ensino. Posteriormente, passamos para a parte das discussões, nas salas de 1º A e D foi trabalhado o jogo didático de humor, e no 1º B e C foram realizadas discussões tradicionais, perguntas dos alunos e orientação e respostas do professor. Todas as avaliações foram aplicadas uma semana após cada IST ter sido trabalhada, ou seja, foi dado um período de tempo entre a apresentação do conteúdo, suas discussões e a avaliação.

As avaliações foram construídas a partir dos conceitos do tripé: conceito, tratamento e contágio, juntamente com a análise de imagens sobre cada IST. Elas consistiram em 10 questões de múltipla escolha de 4 alternativas cada, sendo somente uma correta. Dessas 10 questões, 3 tratavam basicamente sobre o contágio, 3 sobre o tratamento, 3 sobre a prevenção e, finalmente, 1 era uma imagem do aparelho reprodutor feminino ou masculino infectado.

Portanto, a metodologia aplicada para desenvolver este estudo teve uma abordagem quantitativa, segundo Richardson (2010), pois buscou uma compreensão detalhada dos significados e das características situacionais dos fenômenos, apresentando seu foco na dimensão mensurável da realidade. Lakatos e Marconi (1993) assinalam que essa é a estratégia mais adequada para se apurar opiniões dos entrevistados ao utilizar instrumentos previamente estruturados, que facilitam a visualização mais ampla de um grande universo de sujeitos. Frankfort et al. (1992) reforça que o questionário é um instrumento sistemático, organizado e desenvolvido para obter informações de entrevistados sobre vários assuntos em um curto espaço de tempo, possibilitando um grande número de amostras.

Para a análise de dados se tornarem mais confiáveis, utilizamos a estatística para comprovar se o humor, utilizado como ferramenta didática, facilita o aprendizado dos alunos.

2.1 O Jogo

O jogo didático proposto no presente trabalho, intitulado “Baralho biológico do humor: IST”, tem como objetivo a verificação do rendimento dos alunos quanto a uma maior assimilação dos conteúdos propostos. Vale ressaltar que para a produção do jogo didático foi utilizado material de baixo custo e de fácil aquisição, como: cartolina; dois metros de papel adesivo transparente (papel *contact*), para a plastificação das cartas, a fim de apresentarem uma maior durabilidade ao serem manipuladas; tesoura; cola e as perguntas e respostas recheadas de humor e imagens, referentes às IST impressas.

O jogo foi dividido em sete IST, sendo elas: HIV, gonorreia, HPV, hepatite C, sífilis, herpes genital e candidíase e, para cada infecção, foram elaboradas dez cartas com perguntas conceituais, suas respectivas respostas e duas cartas com imagens dos aparelhos reprodutores feminino e masculino infectados. É importante ressaltar que as questões elaboradas tinham situações do cotidiano, envolvendo as infecções, com perfil humorístico, utilizando-se de duplos sentidos, ambiguidade provocada pela homonímia, pela polissemia e pela paronímia. Segundo Travaglia (1989), a ambiguidade é um recurso básico no humor devido à bissociação, que “consiste em, por recursos diversos, ativar dois mundos textuais” (TRAVAGLIA, 1995, p. 43). Outra ferramenta linguística muito utilizada para a elaboração das perguntas foi o neologismo, tanto o semântico, quanto o lexical e o sintático.

2.2 Regras E Dinâmica Do Jogo

O jogo foi aplicado para até cinco grupos de alunos, sob o comando do professor. Cada grupo escolheu um representante entre os seus membros, para conduzir a logística do jogo, ou seja, fazer a ponte entre os grupos adversários.

Para iniciar o jogo, as cartas foram embaralhadas pelo professor-mediador e os alunos estipularam, decidindo entre si, qual seria a ordem do jogo. O jogador iniciante escolheu uma carta, dentre todas as que estavam com o professor, e esse leu a pergunta para todos da sala. O grupo que, previamente, foi escolhido para responder, teve até 1 minuto para discutir e dar a resposta, tendo, ainda, a opção de repassar para o próximo grupo ou responder. Se o grupo em questão optou por passar a questão, ele não ganha e nem perde nada. Se optou por responder e conseguiu acertar, ganha 2 pontos. Se optou por responder e errou, perde 1 ponto. O grupo que ganhou o jogo foi o que obteve o maior número de pontos somados ao final do jogo, no momento em que as cartas acabaram.

Vale ressaltar que o jogo foi aplicado após os alunos terem visto o conteúdo abordado no jogo, e que tanto as questões dos testes, como os conteúdos das cartas do baralho, foram baseadas nos livros de Amabis e Martho (2007) e de Linhares e Gewandsznajder (2012), utilizados como livro texto na escola investigada.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em estudos comparativos, normalmente, o principal objetivo não é a generalização, mas, sim, a busca das verdadeiras diferenças entre as amostras que estão em análise. Portanto, utilizaremos a estatística descritiva, ou seja, introduzimos técnicas que permitiram organizar, resumir e apresentar esses dados. (BARBETTA, 2006).

Após o término do projeto, com todas as avaliações em mãos, iniciamos o processo de análise dos resultados para tentar corroborar a hipótese inicial, o humor faz diferença no processo de ensino-aprendizagem?

Em um primeiro momento, tabulamos todos os resultados. Ao avaliar os dados contidos, já nos parecia claro que a utilização do humor como metodologia trazia bons resultados. No entanto, para corroborar nossa hipótese, utilizamos cálculos estatísticos que comprovaram a eficácia da didática aplicada. Utilizamos a média geométrica como forma de unificar as notas dos alunos, gerando, no processo, uma média geral para a sala, dividindo a soma das notas dos alunos válidos pelo número dos alunos válidos. Em uma análise rápida das médias, os resultados já se tornaram visivelmente discrepantes, sendo as médias dos 1º B e C, grupo no qual foi utilizada a metodologia tradicional, respectivamente, 3,39 e 4,46 e o 1º A e D, grupo em que foi trabalhada a metodologia humorística, respectivamente, 7,21 e 7,63. É importante ressaltar que, durante as aulas, os alunos expostos ao método humorístico participaram ativamente das discussões, criando hipóteses e as discutindo e o nível de indisciplina foi menor. Como a média equaliza os resultados, sem mostrar as diferenças entre os alunos, calculamos a variância dos dados, mostrando números que apontavam para dados consistentes entre si, sem diferenças anormais entre eles. A utilização da variância como método comparativo fez necessária a utilização do desvio-padrão, como forma de corrigir possíveis aberrações estatísticas, devido ao cálculo pelos quadrados na variância. Realizado isso para todas as salas, pudemos desenvolver um método para comprovar, por meio dos dados, a eficiência do método humorístico na aprendizagem de conceitos da educação sexual - IST.

Como as salas foram divididas como grupo controle e grupo de teste de hipótese, unimos as informações que obtivemos das salas 1º A e 1º D, salas nas quais o método foi aplicado, sob a alcunha de X1, enquanto que as salas do grupo de controle (1º C e 1º D), sob a alcunha X2. Calculamos a margem de confiança, com 95% de significância, ou seja, se o experimento fosse realizado infinitas vezes, 95% das vezes os resultados estariam dentro dessa margem: $X1=[-4,88;9,95]$ e $X2=[-2,98;5,40]$. O

cálculo do desvio padrão resultou em, respectivamente, 1° A, 0,7168; 1° B, 0,7310; 1° C, 0,62 e 1° D, 1,08.

Diante desses dados apresentados, ficou clara a comprovação da hipótese inicial: o humor utilizado como ferramenta pedagógica traz avanços consideráveis na aprendizagem, uma vez que o grupo controle, exposto ao método tradicional, teve uma média de acertos de 41,9% e os alunos expostos ao método humorístico tiveram uma média de 74,2% de acertos.

Para que não restasse sombras de dúvidas em relação à confiabilidade desse estudo, realizamos mais um teste de hipótese. Consideramos que a hipótese nula (H0) indicaria que o método não trouxe mudanças significativas na média dos alunos, enquanto a hipótese 1 (H1) indicaria que houve mudança positiva. Nesses cálculos surge a variável Y, que agrega a diferença entre X1 e X2 (sendo X1 e X2 iguais, sem mudanças, Y será 0, caso contrário, Y terá um valor variável significativo).

X1	7,4200
Var (X1)	1,6784
Dp (X1)	1,2955
X2	4,1950
Var (X2)	0,9148
Dp (X2)	0,6168
$\bar{Y} = X1-X2$	3,2250
Var (\bar{Y})	2,5932
dp (\bar{Y})	1,6103
Significância	5%
Z	1,96

Tabela 1. Relação de dados para o cálculo da hipótese H0 e H1.

Cálculo da confiança:

X1

$$| X1-\mu | /dp (X1) = Z$$

$$\mu = Z*dp (X1)\pm X$$

$$IC: [-4,88;9,95]$$

X2

$$| X2-\mu | /dp (X2) = Z$$

$$\mu = Z*dp (X2)\pm X$$

$$IC: [-2,98;5,40]$$

Por fim, com os cálculos demonstrados, o IC para a hipótese nula é de IC = [-3,1561;3,1561], e como o valor apresentado pra Y = 3,2250 está fora da IC, rejeita-se a hipótese nula, há, sim, portanto, diferenças positivas para a aplicação do método,

mostrando que ele é eficiente, pois, efetivamente, ele aumenta a média da sala desconsiderando o erro estatístico.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Sexual, no Brasil, teve início de forma tardia e tornou-se mais difundida por meio da implantação dos Temas Transversais, principalmente o tema Orientação Sexual, e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no final da década de 90. Esses Temas Transversais se caracterizaram por perpassar todas as disciplinas do currículo, não tornando obrigatório o seu desenvolvimento à disciplina específica alguma e, dessa forma, ficando a critério do professor trabalhá-los ou não.

O professor, por outro lado, já se depara com uma série de problemas inerentes ao ensino na esfera pública no contexto brasileiro, dentre eles, a má formação inicial e continuada e a falta de materiais e metodologias adequadas para trabalhar a sexualidade. Muitas vezes, esse conteúdo acaba sendo responsabilidade apenas dos docentes de Ciências e Biologia, que o desenvolve, na maioria das vezes, com cunho biologizante. Os professores de Biologia, no 1º ano do Ensino Médio, por exemplo, são norteados pelo currículo, que sugere o desenvolvimento da educação sexual, mas de forma a tratar a gravidez na adolescência e o combate às IST. Mais uma vez, o professor se vê com dificuldades para tratar de um tema tão delicado como a sexualidade e, principalmente, as IST, além de ter que buscar materiais e metodologias para aplicar em suas salas, no intuito de obter bons resultados no processo de ensino-aprendizagem.

Além de todos os pontos apresentados acima, a sexualidade é um tema difícil de ser trabalhado entre adolescentes, por estar repleto de mitos e tabus. Os jovens se sentem constrangidos em tirar dúvidas com seus familiares, e, portanto, a escola entra como peça chave no desenvolvimento desse assunto. Mas, para grande parte dos docentes, esse tema não é de fácil abordagem. Como a sexualidade é uma construção histórico-social, grande parte dos mitos e tabus vivenciados pelo próprio docente podem fazer parte de sua identidade e esses, muitas vezes, não conseguem se desvencilhar dessas características, o que torna complexo o desenvolvimento dessa asserção de forma positiva.

Nesse contexto, o humor pode ser tomado como um meio para o ensino da educação sexual. Neste artigo, por meio de estudos estatísticos, comprovamos a sua eficácia e o seu poder no desenvolvimento satisfatório do processo de ensino-aprendizagem das IST. Além de instigar as discussões e a criação de novas hipóteses para os temas que envolvem o ensino de educação sexual, comprovadas estatisticamente, o humor também diminuiu, consideravelmente, a indisciplina, problema que assola a sala de aula hoje em dia. Aproximando o professor do aluno, criou-se, dessa forma, um laço afetivo que irá servir de base para estreitar as relações aluno-professor e a classe

como um todo, com vistas a desenvolver com maior facilidade o processo de ensino-aprendizagem em outros conteúdos escolares a serem abordados.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **A construção social da orientação sexual na escola**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/helenaaltmann.rtf>>. Acesso em nov. de 2017.

AMABIS & MARTHO. **Fundamentos da Biologia Moderna**. Volume único. São Paulo, Ed. Moderna, 2007.

AQUINO, C.; MARTELLI, A. C. **Escola e educação sexual: uma relação necessária**. Seminário de pesquisa em educação da Região Sul. Unoeste, 2012.

BARBETA, Pedro Alberto. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

BEHAR, P. A.; BERCHT, M.; LONGHI, M. **Integração do Humor do Aluno no Ambiente Virtual de Aprendizagem ROODA**. In: Workshop - Escola de Sistemas de Agentes para Ambientes Colaborativos, 2007, Pelotas. Anais da Escola de Informática. Pelotas: UCPel, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle de IST, do HIV/ Aids e das Hepatites virais**. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: < > Acesso em: dez de 2017.

_____. Ministério da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências da Natureza e suas Tecnologias**. 1. ed. Atual. São Paulo: SE, 2013.

_____. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2002.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. – 3. ed. – Brasília: MEC, 2001.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2000.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº9394 de 1996**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

CÉSAR, M. R. A. **Lugar de Sexo é na Escola? Sexo, Sexualidade e Educação sexual**. In: Sexualidade; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009.

FRANKFORT, N.; NACHMIAS, C. E. D. **Research Methods in the Social**. 4. ed. New York: St. Martins Press, 1992.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KAPLAN. **Projeto Vale Sonhar**. Disponível em: <<http://kaplan.org.br>>. Acesso em: set de 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.

LINHARES, S.; GEWANDSZNAJDER, F. **Biologia Hoje**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2012.

RÊGO, S.S. et al. **O Aprendizado de Conceitos de Ciências através do Lúdico: O Uso do Dominó**. Revista da SBEnBIO. Nº 3. 2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. **O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão**. In: Estudos linguísticos e literários, v. 5 e 6, 1989, p. 42-79.

_____. **Homonímia, mundos textuais e humor**. In: Organon, v. 9, 1995, p. 41-50.

VALOIS, R.S. et al. **Trilhando Conhecimento Ecológico**. Revista de SBEnBIO, Nº 3. 2010.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-366-8



9 788572 473668